

— Você poderá pagar suas dividas e guardar mais de oitocentos contos em ações na fábrica. Haverá bom rendimento.

— Mas...

— Mas o quê?

— Queria que o senhor pedisse à Diretoria para dar-me trabalho, ainda que eu tenha de ser novamente despedido, daqui a nove anos...

O Dr. Abranches sorriu e prometeu colaborar.

Dai a quatro dias, quando Pitanga voltou, encontrou a ordem.

Fora readmitido.

E sem esperar pelo dia seguinte, pediu a vassoura e começou a varrer...



Provação

Heitor Pessoa e a esposa, D. Delminda, desde os primeiros dias na cidade eram assíduos frequentadores do templo espírita.

Corretíssimos. Generosos. Entretanto, fora disso, pareciam fechados. Excelentes companheiros na instituição; contudo, na vida particular, eram francamente inacessíveis.

— Muito bons, mas muito orgulhosos.

— Sabem ensinar a fraternidade, mas escoregam mais do que peixes.

Observações como essas eram frequentes.

E como semelhante situação estivesse incomodando, o presidente imaginou um meio de sanar as impressões.

Em cada semana, o culto do Evangelho seria atendido em determinado lar.

Assim, cada residência dos irmãos da agremiação seria aberta ao exercício da fraternidade.

Chegada a ocasião em que lhes caberia o testemunho afetivo, Heitor e senhora tenta-

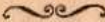
ram gentilmente esquivar-se, mas a diretoria insistiu e tiveram que abrir as portas.

Na noite indicada, o casal e o único filho, Marcelo, rapaz de nobres feições, atlético e bem posto, fizeram as honras.

A reunião correu encantadora e o texto do Evangelho, "não julgueis para não serdes julgados", mereceu apontamentos lindos. O cafêzinho foi servido carinhosamente, mas, às despedidas, veladas reclamações ouviam-se aqui e ali. Mafra, o presidente, havia perdido a carteira; Antônio Silva sentia falta do relógio; Dona Carlinda ficara sem o broche de ouro e Dona Aurora não pudera localizar a pulseira.

No dia seguinte, porém, Heitor, muito desapontado, visitou os companheiros, um a um, restituindo-lhes os objetos perdidos e explicando que não costumava receber visitas porque tinha o filho ainda desajuizado, em vagaroso tratamento.

Boquiabertos, os amigos compreenderam que o distinto e esquivo casal trazia a provação de um filho, muito sadio de corpo, mas positivamente obsidiado.



Cólera

Antônio Sobreira, a caminho da garagem onde mantinha pequena frota de caminhões, foi ver a mãezinha doente, que lhe pediu, logo após rápidos instantes de conversa:

— Meu filho, tenha cuidado contra a irritação. Em nossa reunião espírita de ontem à noite, nosso velho amigo Silvério Barcas, que desencarnou num ato de imprudência, conclamou a todos trabalhasssem contra a cólera. E você tem estado muito nervoso...

— Não se aflija, mãe — respondeu, sorrindo.

Entretanto, mal dera alguns passos na rua, foi procurado por um motorista, que lhe disse:

— "Seu" Antônio, venha depressa. O Ave-lino, seu irmão, atropelou o seu filho.

Indignado, Sobreira entrou no veículo, como fera, e daí a minutos estava, de novo, à frente de casa.

Aglomerava-se o povo em torno de larga mancha de sangue.